

Mulher era Lucíola

Essas "bonecas" de hoje em  
dia são interessantes; mas  
mulher mesmo, verdadeira  
mistura de anjo e

diabo é... a  
Lucíola de  
José de Alencar

Domingo, 31 de Maio de 1959

RUBEM BRAGA

## A MAIOR

CONHEÇO várias das dez mais elegantes, e misses de vários locais, «glamour-girls» e vedetes, as melhores mães e as melhores filhas do ano — mas mulher mesmo é Lucíola. Aquela, sim. É completa: mulher, anjo e demônio, pois assim é que interessa.

Se quiserem o nome todo, direi que não sei; apenas posso informar que ela não tem telefone. Seu último endereço era em Santa Teresa. Notícias suas, os interessados podem obter no primeiro volume das obras completas de José de Alencar, que a Editora Aguilar está lançando numa dessas edições excelentes que lembram a biblioteca de La Pléiade.

A primeira vez que a vemos é passando em um carro puxado por dois cavalos: «uma encantadora menina... brincava com um leque de penas escarlates... nessa atitude cheia de abandono... perfil suave e delicado».

Depois a encontramos com um vestido cinzento com orlas de veludo castanho... «linda moça... talhe esbelto e de suprema elegância» que contemplava as nuvens com «doce melancolia e não sei que lábios de tão ingênua castidade»...

Mas chega o momento em que «os lábios finos e delicados pareciam tímidos dos desejos que tricubavam... havia um abismo de sensualidade nas asas transparentes da narina que tremiam... e também nos fogos surdos que incendiavam a pupila negra». Então ela «arqueava, estufando a rija carnacão de um colô soberbo, e traíndo as ondulações felinas num espreguiçamento veluptuoso... às vezes um tremor espasmódico percorria-lhe todo o corpo». E então que Lucíola... «despedaçava os frágeis laços que prendiam-lhe as vestes... e «à mais leve resistência dobrava-se sobre si mesma como uma cobra, e os dentes de pérola talhavam mais rápidos do que a tesoura o cadarço de seda... as tranças luxuriosas dos cabelos negros rolaram pelos ombros... uma nuvem de rendas e cambraias abateu-se a seus pés... e eu vi aparecer aos meus olhos pasmos, nadando em ondas de luz, no esplendor da sua completa nudez, a mais formosa bacante que esmagara outrora com o pé lascivo as uvas de Corinto».

Cortemos a cena aqui; sou um cronista família. Mas, além de ver Lucíola mais de uma vez nesses transportes, o leitor a verá também lívida, ou a gargalhar, ou caída em profunda distração ou tititante de ironia e sarcasmo, ou ébria de champanha e coroada de verbenas, rutilante de beleza... «sua formosura tinha nesse momento uma ardência fosforescente... ou imóvel e recolhida... absorta no seu êxtase religioso... ou «com uma dignidade meiga e nobre» ou com «um sorriso pálido... nos lábios sem cor... sublime êxtase iluminou a suave transparência de seu rosto».

Qual dessas personagens modernas de Müller, Sued, Resende ou Thomas têm a metade desse rebolado? Não, minhas queridas dez mais belas ou mais elegantes, misses mil do meu querido Brasil, eu não tenho nada contra vós — mas mulher mesmo era Lucíola — aquela, sim!

M 507

DN-14.10.65

n

moderna, gôth Claude  
Cardinale un  
Sarrate de Upenne

DN

IL

304